



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE HUMANIDADES-CAMPUS III
DEPARTAMENTO DE GEOGRAFIA
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM GEOGRAFIA**

JOANA D'ARC MALAQUIAS DA SILVA

Linha de Pesquisa: O ensino de geografia na escola fundamental e médio

**O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR: as novas tecnologias
como ferramentas de apoio pedagógico – Um estudo de caso na
Escola E. Profº Joaquim Torres, Serra de São Bento/RN**

GUARABIRA – PB
2014

JOANA D'ARC MALAQUIAS DA SILVA

**O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR: as novas tecnologias
como ferramentas de apoio pedagógico – Um estudo de caso na
Escola E. Profº Joaquim Torres, Serra de São Bento/RN**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Orientador (a): Dr. Edvaldo Carlos de Lima

GUARABIRA-PB
2014

Ficha catalográfica

S586e Silva, Joana D'arc Malaquias da
O ensino da geografia escolar: [manuscrito] : as novas
tecnologias como ferramentas de apoio pedagógico – um estudo de
caso na escola e. Profº Joaquim Torres, Serra de São Bento/RN /
Joana Darc Malaquias Da Silva. - 2014.
49 p. : il. color.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Geografia) -
Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Humanidades, 2014.

"Orientação: Edvaldo carlos de lima, Departamento de
Geografia".

1.Tecnologia de Informação. 2. Ensino da Geografia. 3.
Recursos Didáticos. I. Título.

21. ed. CDD 910

JOANA D'ARC MALAQUIAS DA SILVA

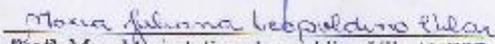
**O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR: as novas tecnologias
como ferramentas de apoio pedagógico – Um estudo de caso na
Escola E. Prof^o Joaquim Torres, Serra de São Bento/RN.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Departamento de Geografia da
Universidade Estadual da Paraíba, em
cumprimento à exigência para obtenção do
grau de Licenciado em Geografia.

Aprovado em 01/12/2014.



Prof. Dr. Edvaldo Carlos de Lima / UEPB
Orientador



Prof. Msc. Maria Juliana Leopoldino Vilar / UEPB
Examinadora



Prof. Msc. Thiago Leite Brandão de Queiroz / UEPB
Examinador

O ENSINO DA GEOGRAFIA ESCOLAR: as novas tecnologias como ferramentas de apoio pedagógico – Um estudo de caso na Escola E. Profº Joaquim Torres, Serra de São Bento/RN

Linha de Pesquisa: O ensino de geografia na escola fundamental e médio

SILVA, Joana D'arc Malaquias¹

ORIENTADOR: Edvaldo Carlos de Lima

EXAMINADORES: Maria Juliana Leopoldino Vilar

Thiago Leite Brandão de Queiroz

RESUMO

O presente trabalho tem como principal objetivo analisar a prática de ensino da geografia escolar no cenário atual tendo como foco da pesquisa o uso das novas tecnologias da informação e comunicação como ferramentas auxiliares na realização do processo de ensino/aprendizagem. Assim proporcionando aos alunos uma formação adequada, no que tange as exigências oriundas desta sociedade tecnológica, para que estes possam desenvolver habilidades e competências que os possibilite explorarem as diversas ferramentas tecnológicas que estes têm acesso dentro e fora do espaço escolar. Desta forma, pretendendo posteriormente encontrar meios dentro da proposta construtivista de ensino pelos quais se possa romper com os paradigmas tradicionais no ensino da geografia. Tendo a Escola Estadual Professor Joaquim Torres localizado no município de Serra de São Bento/RN, como campo de pesquisa. Assim, tendo na práxis a comprovação da eficiência do uso das Novas Tecnologias da Informação e Comunicação (NTIC) no decorrer da aquisição do conhecimento, caso ocorra o uso destas no ambiente escolar.

PALAVRAS-CHAVE: NTIC. Ensino da Geografia. Recursos didáticos.

¹ Joana D'arc Malaquias da Silva estudante do curso de Licenciatura Plena em Geografia – UEPB, Campus III Guarabira/PB. joanadarc malaquias@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

O presente trabalho pretende analisar o ensino da geografia escolar mediante o contexto social com o qual nos deparamos nos dias atuais. Mas, para isto é necessário conhecer a trajetória desta ciência enquanto disciplinar escolar no Brasil.

Com a pesquisa buscam-se meios pelos quais se possa romper com os paradigmas tradicionais no ensino da geografia, conseqüentemente, tentando pensar caminhos dentro da proposta construtivista de ensino, na qual se tenha as novas tecnologias da informação e comunicação como ferramentas auxiliares na realização do processo de ensino/aprendizagem. Assim, pretendendo que o educando aprenda e apreenda o conhecimento a partir de uma aproximação entre o teórico e a práxis, a partir de suas práticas cotidianas.

Nesta perspectiva em um estudo bibliográfico referente à trajetória da geografia escolar fica evidenciado que por mais que o processo de ensino tenha sido influenciado por diferentes tendências pedagógicas a metodologia tradicional sempre esteve atrelada a prática da geografia escolar, seja esta no ensino fundamental, médio ou EJA, e isto é comprovado quando se observa o ensino geográfico nos dias atuais, este se mantém o mais tradicional possível. Nesta perspectiva busca-se inicialmente mostrar como é a introdução desta ciência no ambiente escolar. De modo à contemplar a geografia local e posteriormente a global. O que inicialmente não acontecia, quando a geografia passou a fazer parte do currículo escolar, já que a geografia trabalhada em sala retratava o continente europeu, sendo assim, se estudava uma geografia que não era nossa, não nos encontrávamos já que esta não contemplava nossa realidade local.

Quanto ao uso das novas tecnologias na construção do saber geográfico faz-se uma reflexão sobre as suas possíveis contribuições ao processo de aprendizagem a partir de sua introdução e utilização correta no contexto escolar. Ou seja, sua aplicação como recurso pedagógico auxiliar na produção de conhecimento, na construção de um saber geográfico que tire o alunado da condição de mero reprodutor para sujeito crítico, pensante e com capacidade de intervir no meio em que vive. Sendo assim, têm-se nas novas tecnologias, ferramentas de apoio pedagógico as quais podem auxiliar na quebra com os paradigmas tradicionais de ensino, desta forma, conseqüentemente buscam-se alternativas metodológicas que propiciem a apreensão do conhecimento por parte dos alunos. Partindo das metodologias, tidas como tradicionais, as novas possibilidades metodológicas com base na geografia crítica.

Segundo Barboza (2010, p.59) “Se a escola não se prepara adequadamente para enfrentar este grande desafio, os alunos que por ela passarem e os futuros profissionais serão meros repetidores, sem capacidade crítica e criativa, pessoas facilmente manipuláveis”.

A qualidade do ensino mediada pelas tecnologias na sala de aula não dependem unicamente do uso destas ferramentas por si só. De acordo com Libâneo (2001, p.10) “todavia, novas exigências educacionais pedem (...) um professor capaz de ajustar sua didática às novas realidades da sociedade, do conhecimento, do aluno, dos diversos universos culturais, dos meios de comunicação”. Sendo assim, temos a possibilidade de comprovar a efetivação das NTIC a partir de uma intervenção na prática. Sendo assim, temos a possibilidade de comprovar as teorias a partir de uma intervenção na prática. Mas, para isto, é observadas aulas de geografia na Escola estadual Prof^o Joaquim Torres, localizada no município de Serra de São Bento- RN. No período das Observações poderemos notar a efetividade das novas tecnologias, caso estas sejam usadas nas aulas de geografia. Porém, é necessário saber até que ponto os profissionais da comunidade escolar estão preparados para lidar com o novo. Ou seja, o professor de geografia está preparado para repensar suas metodologias dentro da perspectiva tecnológica, engajando na sua prática o que de fato também é detentor de possibilidades de aprendizagem? Pelo que é possível observar até os dias atuais o ato de ensinar geografia está ligado às metodologias tradicionais, o que não implica excluir as NTIC, mas repensar sua prática de modo a possibilitar a formação de sujeitos críticos.

Dentro desta pesquisa busca-se como objetivo geral analisar o ensino da Geografia na atualidade, tendo em vista o processo ensino/aprendizagem dentro deste novo cenário educacional, que nos proporcione renovar quanto a sua metodologia através do uso de novas ferramentas de apoio pedagógico. Tendo em vista, refletir sobre a prática de ensino da Geografia no ensino fundamental e médio, analisando o que mudou quanto ao seu aspecto metodológico levando-nos a responder a seguinte pergunta: O que é desenvolvido nas escolas - Prática tradicional ou Crítica? Assim, tentando encontrar mecanismos que possam romper com o que se caracteriza como um método tradicional. Desta forma podendo reconhecer que os aparatos tecnológicos podem tornar-se auxiliares no desenvolvimento das competências e habilidades dos educandos enquanto mecanismos de apoio pedagógico. Além da inserção dos paradigmas informacionais no contexto da realidade dos educandos.

De acordo com o que foi exposto acima, é preciso compreender que a utilização das novas tecnologias no processo de ensino não torna uma aula menos tradicional ou crítica pela sua simples utilização. Sendo assim, Conteúdos críticos com metodologia

tradicional não tornam alunos críticos, da mesma forma que uma prática inovadora, mas com conteúdos tradicionalistas não terão resultados diferentes. Além do que, o que muitos rotulam por tradicional tem seu papel no âmbito educacional, ou seja, a utilização do livro didático, a memorização, a utilização do quadro, entre outros.

No decorrer deste estudo pretende-se apontar e analisar as dificuldades encontradas no dia a dia, tanto pelos professores quanto pelos alunos, decorrentes da organização do currículo escolar o qual não favorece a reflexão sobre o ensino da geografia dentro das perspectivas tradicionais e críticas quanto à prática de ensino. De acordo com Kimura (2008, p.74) “em geral a escola tem uma organização curricular em disciplinas, dos diversos componentes curriculares, estando a maior parte do tempo e dos espaços escolares, voltada para atender a essa forma de organização.” Porém, nos encontramos na era da informação e comunicação, em que as informações tendem a ocorrer em tempo real e global, e isto se reflete no ensino. Tendo em vista que é papel da escola inserir no currículo escolar esses novos mecanismos de propagação do conhecimento.

Na educação básica durante muito tempo a geografia escolar teve como principais recursos didáticos o quadro negro, giz e o livro didático. Porém com as inovações tecnológicas tem-se a necessidade de se romper com as tradicionais metodologias ou até mesmo a elas agregar práticas de ensino que proporcionem a criticidade e curiosidade dos alunos diante dos questionamentos que decorrem da atualidade. “Os alunos não serão críticos se não criticarem, não serão investigadores se não investigarem, não conhecerão se não construírem conhecimento” (PASSINI, 2010. p. 99 e 100)

No ensino da geografia escolar, particularmente, faz-se necessário responder as seguintes indagações: O que difere o ontem do hoje? O ensino evoluiu ou a geografia ainda é vista como um saber decoreba e desnecessário? Em sua grande maioria o discurso é de uma prática voltada para uma geografia crítica, construtiva, porém na sala de aula a prática é a mais tradicionalista possível. E ainda mais, será que os professores estão preparados para incorporar essas novas linguagens tecnológicas ao dia a dia da sala de aula? Segundo Passini (2010, p. 109)

“Novamente precisamos lembrar que a utilização de novas tecnologias não tirará os alunos da passividade se o professor não os desafiar a investigar. Seja qual for o recurso, a aula será produtiva se o aluno for o sujeito da construção do próprio conhecimento”.

Uma aula tradicional ou não, não é feita de recursos tecnológicos, mas advém da sua metodologia, o que se pretende instigar no aluno através da sua prática de ensino. Uma aula baseada na pedagogia tradicional também pode se utilizar de recursos tecnológicos e mesmo assim ainda possibilitar uma formação fragmentada, descontextualizada e isto será resultante da metodologia desenvolvida em sala pelo professor. Então fica evidenciado que a utilização das NTIC, não será suficiente para haver a quebra com os paradigmas tradicionais de ensino.

Nesse sentido pretendemos inicialmente mostrar um pouco da trajetória da geografia escolar, para entendermos o processo metodológico atualmente utilizado em sala, que apesar das diferentes tendências pedagógicas ainda mante-se dentro da prática da geografia tradicional. Em seguida fizemos alguns apontamentos acerca da geografia tradicional no cenário contemporâneo, tendo em vista que com a dinâmica social o ensino também necessita ser repensado. E posteriormente a intervenção no campo de estudo, buscando analisar na prática como se dá o processo de ensino da geografia mediante a transformação do espaço, objeto de estudo da geografia. Neste momento poderemos confrontar o discurso da comunidade escolar com a prática vivenciada pelo educando. Assim repensando as metodologias mediante as NTIC (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação), que podem ser utilizadas como ferramentas auxiliares ao processo de ensinar e ao ato de aprender.

2 REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 TRAJETÓRIA DA GEOGRAFIA ESCOLAR – DA METODOLOGIA TRADICIONAL A GEOGRAFIA CRÍTICA

A educação brasileira tem início com a chegada dos jesuítas, os quais desenvolveram em nosso país uma geografia baseada na descrição de espaços externos ao nosso, esta detendo assim um caráter descritivo, ou seja, seus estudos eram voltados para fatos referentes à Europa e não ao nosso próprio território (PESSOA, 2007). O autor ainda afirma que, “durante os mais de duzentos anos de monopólio da educação jesuítica no Brasil, a geografia não teve vez e nem voz nas escolas enquanto disciplina escolar”.

Somente a partir da década de 1970, em contraposição às metodologias tradicionais que caracterizavam o ensino de geografia até então vigente, surge a Geografia Crítica, propondo uma nova forma de ensino, rompendo com a antiga metodologia tradicional. Esta se manifesta primeiramente através das revistas: *Antipode* e *Heródoto*, tendo também grande

contribuição de Yves Lacoste. (PESSOA, 2007) Nesta perspectiva, a Geografia Crítica busca a formação de alunos construtores e não simples reprodutores submissos e isto não significa querer descobrir ou inventar o que já existe, mas ter um pensamento crítico dos fatos que o rodeiam (CALLAI, 2003).

Na atualidade há certa rejeição ao que foi a Geografia Tradicional, porém no dia a dia da sala de aula a sua prática é a mais tradicionalista possível. A aula se restringe ao uso dos mesmos recursos didáticos: quadro negro, giz e livro didático. Porém, com as inovações tecnológicas, o sistema de ensino tem acesso a novas possibilidades de ferramentas de apoio pedagógico, todavia, “muitas linguagens tecnológicas que atualmente estão disseminadas na sociedade pouco penetraram em sala de aula” (PONTUSCHKA, 2009, p. 39)

Com as novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) e a acessibilidade dos educandos a essas novas ferramentas tecnológicas, a comunidade escolar deve inseri-las e adequar-se a essa nova realidade dos alunos. “Assim, estão postos os desafios de se criar uma prática docente que saiba lidar com o novo e produzir, com qualidade os conhecimentos geográficos, tornando essa ciência mais significativa para os alunos...” (SANTOS; COSTA e KINN in BUITONI, 2010, p.44). Mas, para que isto aconteça é necessário que este saber seja voltado para as necessidades dos educandos enquanto cidadãos, que seja condizente com a realidade do mesmo.

Segundo Perrenoud (2000) *apud* Passini (2010, p. 125), “professores que não se atualizam tecnologicamente, isto é, não aderem ao uso da multimídia, ficam em desvantagem em relação àqueles que dela se utiliza”. Estes mecanismos, agregados a um planejamento adequado, tendem a ter resultados significativos no que tange o processo ensino/aprendizagem.

A utilização de outras linguagens, que não apenas a verbal, escrita e não escrita, e/ou de outros recursos técnicos, diferentes do papel e quadro-negro, é hoje inevitável e necessária na educação, porque a sociedade já está vivendo no meio técnico-científico informacional desde os anos de 1970 (SANTOS; COSTA e KINN in BUITONI, 2010, p. 44).

O desafio do educador é usar as tecnologias em sala de aula para obter um maior interesse dos educandos quanto ao ensino da geografia escolar, uma vez que os mesmos são usados pelos alunos como meio de fuga das aulas “enfadonhas” e repetitivas. Todavia, “é preciso que o professor vença sua dificuldade em utilizá-los sem cair em seu fascínio pelo

modismo ou pelo apelo ao sofisticado, e se aproprie deles como ferramentas auxiliares em seu trabalho” (CAVALCANTI, 2002, p.84).

2.2 NOVAS TECNOLOGIAS NA CONSTRUÇÃO DO SABER GEOGRÁFICO

As novas tecnologias fazem parte do nosso contexto social e estas não se fazem ocultas na sala de aula. Hoje em dia elas fazem parte da vida dos educandos. E é por isso que devemos saber usá-las como instrumento de complementação educacional.

Quantos de nós professores não já tivemos que disputar a atenção do aluno com o celular em sala? Esta situação é vivenciada frequentemente, e na maioria dos casos estão nas redes sociais, ou até mesmo se comunicando com o colega do lado. E o momento da aula torna-se alheia a grande maioria dos alunos que estão em sala, os quais permanecem ausentes ao momento de construção do conhecimento em sala.

E para estimular a participação e aprendizagem deste público é necessário ir além do conteúdo programado. É necessário instigar a participação e criticidade dos mesmos por meio de aulas expositivas, vídeos, músicas, jogos, enfim tudo o que compõe a realidade dos educandos. Pois, sabemos que as novas tecnologias tanto na área da comunicação quanto da informação estão sendo impactantes na educação escolar. Sendo assim, os professores não podem desenvolver uma prática totalmente tradicional, sem levar em conta todo o processo de inovação nos métodos educacionais. E para isso não é necessário ir além dos equipamentos que a escola já disponibiliza, entre eles: televisão, DVD, computadores, além dos tradicionalmente usados.

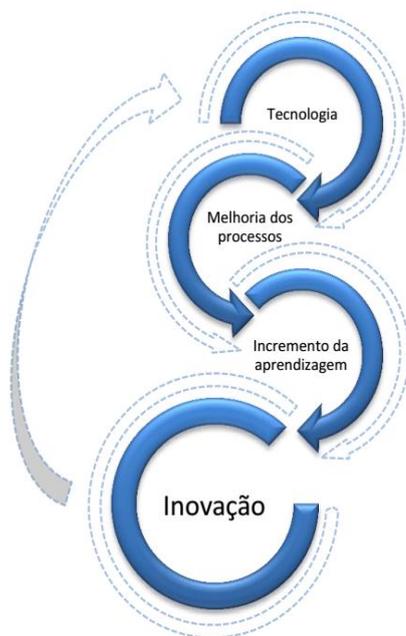
É necessário que o professor veja estas novas ferramentas como auxiliares ao momento da aula e não sujeitos do processo de aprendizagem. Mas para isto é necessário que o educador tenha conhecimento sobre o uso adequado das NTIC. Segundo Barboza (2010): “É preciso conhecer como o aluno aprende para, então saber como ensinar” (p.19).

Desta forma o aluno sai da condição de receptor para construtor do próprio conhecimento. Sendo assim é papel do professor ser o mediador entre o conhecimento e o aluno. Segundo Paulo Freire (1997, p.22) “Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou a sua construção”.

Porém não é apenas o uso de tecnologia que instiga um o aluno a desenvolver um pensamento geográfico. É necessário saber lidar com essas novas ferramentas de ensino para poder desta forma produzir um conhecimento do local para o global.

De acordo com Passini (2010, p.103), “Este é o desafio no momento atual para professores: incorporar os recursos disponíveis da mídia numa aula realmente produtiva e desafiadora.” Já que antes o recurso didático disponível e mais utilizado em sala nos dias atuais é considerado insuficiente quando se pensa em instigar o interesse dessa geração informatizada. Sendo assim, surge a necessidade de se utilizar além do convencional essas novas tecnologias, de forma a não haver uma possível aula enfadonha a qual “caiu” na mesmice na concepção dos educandos.

Figura 01: Ciclo Inovação- Tecnologia



FONTE: SOARES, 2013, p.16²

Na perspectiva de uma aula diferente, ou até mesmo mais dinâmica é necessário se fazer um planejamento e adaptação dos recursos disponibilizados pela instituição de ensino para assim haver a construção de um saber geográfico, e não uma mera reprodução. E é nessa linha de pensamento que Passini (2010) conclui que...

Não são os recursos didáticos que transformam aulas de reprodução em aulas de construção. Temos que definir se queremos formar alunos copiadores ou criativos, alunos submissos ou críticos, se utilizamos pensamentos prontos ou instigamos nossos alunos a pensar; enfim, essa decisão metodológica é do professor (PASSINI, 2010, p.103)

² SOARES, Miguel Inez - A tecnologia Web e o ensino da geografia: ser professor com mediação digital- Universidade de Lisboa – Instituto de geografia e Ordenamento do Território, 2013. (tese de doutorado) .

A escola precisa estar interligada com este novo mundo, que é resultante das transformações técnicas e informacionais, mas sem deixar de lado o saber escolar e agregado a ele esta nova forma de conhecimento que é proporcionado pelas novas tecnologias.

Essas novas linguagens da tecnologia podem ser inseridas no contexto educacional da escola. Havendo desta forma uma nova leitura do espaço local e global. O que nos é proporcionado a partir de análise em tempo real.

“Novos tempos requerem nova qualidade educativa” (LIBÂNEO. 2005 p. 35) Não é produtivo se manter aulas baseadas em dois momentos, transcrever conteúdos no quadro e exercícios. Todavia é o que mais acontece, principalmente, nas aulas de geografia do ensino fundamental. No quadro escolar atualmente o uso das novas ferramentas tecnológicas ainda é restrito, em um dos casos isto acontece pela falta de equipamentos básicos, em outro momento pela falta de capacitação de professores para a utilização dos mesmos.

2.2.1 O que torna o ensino da geografia tradicional ou crítico?

Segundo Libâneo (2001, p. 08) “Num mundo globalizado, transnacional, nossos alunos precisam estar preparados para uma leitura crítica das transformações que ocorrem em escala global”. Mas para isto é necessário uma prática educacional que os proporcione pensar, criticar e questionar, por que se meramente lhes for narrado os conhecimento em nada contribuirá para a formação de um sujeito crítico-pensante. Segundo Santos (2008) estamos vivendo no meio técnico-científico-informacional no qual “a informação é o vetor fundamental do processo social...” (p.239). Sendo assim, “O educador, na sua relação com o educando, estimula e ativa o interesse do aluno e orienta o seu esforço individual para aprender” (HAYDT, 2006, p.57)

A geografia crítica pouco é praticada em sala, apesar de muitos educadores fazerem menção à pedagogia crítica, estes na maioria das vezes tendem a desenvolver um ensino tradicional e fragmentado no que tange uma pratica interdisciplinar. E nesta perspectiva tem-se que pensar a geografia escolar...

(...) porque é, justamente, andando por aí que me vem essa idéia de que a Geografia Crítica (seja lá o que for isso) não chegou às escolas. Ou chegou muito pouco. E sabe-se lá como chegou (Kaercher, B.G.G., nº 27, 2001). Muitas vezes só trocando rótulos ou *slogans*. Mas continuando a produzir verdades cristalizadas e, o que é pior, mantendo a Geografia como algo chato e distante do cotidiano dos alunos. Por que isto ocorre? Porque, para

haver Geografia Crítica (ou uma Geografia renovada) não basta mudar os temas e atualizar nossas aulas. Não se trata de um problema de conteúdo. É preciso haver uma mudança metodológica que altere a relação professor-aluno, relação esta que, via de regra, continua fria, distante e burocrática. (KAERCHER in PONTUSCHKA e OLIVEIRA, 2004, p.222)

O ensino da geografia nas escolas é definido como um conhecimento fragmentado, que tem como função memorizar conhecimentos alheios a realidade do educando e que em nada lhe acrescenta em sua vida pessoal e profissional. “Devemos não apenas nos renovar, mas ir além, romper a visão cristalizada e monótona da Geografia como uma ciência que descreve a natureza e/ou dá informações gerais sobre uma série de assuntos e lugares.” (KAERCHER in PONTUSCHKA e OLIVEIRA, 2004, p.223) Ainda segundo o autor faz-se necessário “fazer com que o aluno perceba qual a importância do espaço, na constituição de sua individualidade e da(s) sociedade(s) de que ele faz parte (escola, família, cidade, país etc.)”

Segundo Piconez (2002, p.131) “Conhecer o saber do aluno consiste em penetrar na sua cultura local para entendê-la. Nomear e sistematizar esse saber é tarefa importante da escola, pois amplia as possibilidades de comunicação dos alunos.” É necessário partir do que eles sabem sobre o conteúdo para a partir daí instigá-los a ter uma visão mais ampla do mesmo. É a partir de uma abordagem metodológica diferente, da qual é praticada cotidianamente, que se terá uma Geografia instigadora e interessante para os alunos no desenvolver do processo ensino/aprendizagem.

Porém, não é unicamente responsabilidade dos professores buscarem romper com estes paradigmas tradicionais no ensino da geografia, pois segundo Passini (2010, p. 99) “É necessário que os responsáveis pelo sistema de ensino no Brasil – desde professores a secretários de educação – discutam novas abordagens de ensino, que analisem os efeitos das aulas tradicionais sobre os alunos” assim buscando propostas metodológicas que possibilitem uma pedagogia crítico-construtivista.

2.2.2 Recursos tecnológicos no ensino da geografia: uma perspectiva de ensino crítico/construtivo

Não é possível demarcar datas específicas dessa mudança ou avanço no processo metodológico dessa disciplina. Pois, até nossos dias ainda encontramos traços do ensino tradicional. A geografia crítica que tem início na década de 70 é contrária à geografia clássica,

pois busca explicar os fatos atuais, sejam eles sociais ou políticos, de forma que leve os educandos a pensarem de forma crítica tais fatos.

A característica mais visível do ensino tradicional é o apego a prática fragmentada do conhecimento geográfico, além de recorrer constantemente ao livro didático que disponibiliza o saber pronto e acabado, o qual não deve ser questionado. Porém, não é o uso do livro de geografia, em sala, por si só que caracteriza o ensino como tradicional, mas como este é utilizado no cotidiano da sala de aula.

Com as novas tecnologias na escola, temos a seguinte noção de aula moderna baseada na criticidade: o uso dos novos recursos tais como, notebook, data show, sites (como fonte de pesquisa rápida), jogos, entre outros. Esses recursos didáticos auxiliam na forma como o conteúdo será trabalhado. E é isto que diferencia uma aula tida como tradicional de uma crítica? Não. Pois, o tradicional pode ser desenvolvido com auxílio da tecnologia.

Segundo Passini (2010):

Não obstante, temos que ter consciência de que esses recursos não garantem, isoladamente, a dinamização da aula, pois a tecnologia deve ser utilizada como meio. Corremos o risco de tornar uma aula com vídeo, TV, internet, quadro-negro ou projetor de multimídia igualmente unívoca e improdutiva. É necessário, portanto, que haja uma interação entre sujeitos e objeto do conhecimento: professor, aluno e conteúdo. (PASSINI, 2010, p.125)

Nos dias atuais há uma grande renúncia a geografia tradicional por parte dos professores, que em sua grande maioria a utilizam em sala de aula. Porém a pedagogia tradicional se propaga de diversas formas dependendo de quem a utiliza e de como; ela pode ser de grande proveito na sala de aula. Uma geografia crítica vai além dos métodos utilizados em sala cotidianamente, não é eles que diferenciam um ensino tradicional de um crítico.

De acordo com Libâneo (2001)

O ensino exclusivamente verbalista, a mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais. Isso não quer dizer abandono dos conhecimentos sistematizados da disciplina nem da exposição de um assunto. (LIBÂNEO, 2001, p. 29)

Segundo Perrenoud (2000) *apud* Passini (2010) “As crianças nascem em uma cultura em que se clica, e o dever dos professores é inserir-se no universo de seus alunos” (p.130) As novas ferramentas tecnológicas fazem parte do cotidiano dos alunos, assim como em sua grande maioria estão inseridas no processo metodológico dos professores, o que não implica

numa redução na prática tradicional por parte dos educadores. As aulas de geografia ainda tem caráter tradicional, em muitos casos, mesmo com a utilização das novas tecnologias no processo de ensino/aprendizagem.

Se antes dispúnhamos apenas da biblioteca como local de consulta e possibilidade de ampliação daquilo que o educando aprendia em sala de aula, hoje temos inúmeras alternativas de aprendizado vivenciando experiências diversas, adquiridas em outros ambientes, estabelecendo conexões ente elas e assim permitindo a construção do próprio conhecimento de forma significativa e original (ALONSO, 2007, p.27)

A aprendizagem que antes era resultado unicamente da sala de aula, hoje é resultante da interação do educando com seu espaço, assim explorando e construindo seu próprio conhecimento.

2.3 A QUALIDADE DO ENSINO MEDIADA PELAS TECNOLOGIAS NA SALA DE AULA: ESTUDOS GEOGRÁFICOS

2.3.1 O uso da multimídia no processo de ensino/aprendizagem

Nas aulas de geografia os professores podem contar com um aliado no quesito “atratividade”, no que tange instigar o interesse dos alunos ao que esta sendo exposto e questionado.

Segundo Klein, Oliveira, Almeida, Scherer (2013, p. 2) “A utilização de recursos multimídia tem sido vista, inclusive pelo Ministério da Educação, como meio para facilitar a exposição dos conteúdos e também no processo de ensino e aprendizagem”. Porém na visão dos autores, a utilização dos recursos tecnológicos por si só não fazem com que o educando desenvolvam maneiras de aprender a aprender. Estes, de um ponto de vista didático-pedagógico, fazem com que o ensino se torne inovador e atrativo.

A utilização dos meios de expressão e de comunicação, como gráficos, desenhos, esquemas, fotografias, filmes, animação, sons, textos, dentre outros, são coordenados por programas de computador e, mais recentemente, interagindo diretamente com os usuários. Surge assim, o conceito de multimídia. (SILVA, 2011, p.11)

Dentre os recursos tidos como auxiliares na exposição dos conteúdos, mais utilizados em sala, podemos destacar a TV e DVD e o computador, para reproduzir sons, imagens,

fotografias, textos, filmes entre outros. Porém, é questionado, será que os professores estão aptos quanto a funções destes equipamentos na construção do saber geográfico no que tange conhecer seu espaço, suas particularidades (neste caso a sala de aula, a escola, o seu bairro, cidade etc.)? Consequentemente, tendo nessas ferramentas os meios que podem auxiliar numa leitura e releitura do próprio espaço, levando o educando a compreender os elementos geográficos a partir de uma interação mediatizada pelas novas tecnologias.

Segundo Silva (2011, p.16) “O papel da escola e do professor é buscar dar sentido aos conteúdos trabalhados, dotando-os de ressignificações. Neste caso, os recursos multimídia corroboram para um sentido maior às atividades educacionais”. Ainda segundo a autora “A inserção das novas mídias nas práticas educativas permite o exercício do olhar crítico dos alunos” (p.16). Pois estes terão a oportunidade de trabalhar com diferentes fontes de informação as quais eles mesmos terão que analisar criticamente sua veracidade e posteriormente transformando as informações em conhecimento.

2.3.2 A relação professor/ novas tecnologias – estreitando relações quanto ao ensino da geografia

Atualmente sabemos que as tecnologias da informação e comunicação vêm ganhando espaço velozmente. E no espaço educacional não seria diferente, em especial nas aulas de geografia. Todavia, nos perguntamos, as escolas estão preparadas? E os professores, estão capacitados de acordo com esta nova demanda do meio técnico-científico-informacional?

Para o sujeito formar conhecimento nesse meio, diante da enorme quantidade de informações a que tem acesso cotidianamente, é necessário que ele saiba lidar com os elementos dessas informações que são a base para a formação de juízos, de conceitos, de opiniões, de princípios e de valores (SANTOS, COSTA, KINN in BUITONI, 2010, p.45)

Desta forma se evidencia a importância da inserção do ambiente escolar nesta forma de ensinar e aprender por meio destas novas formas de linguagem, ou seja, se a escola esta preparada e os professores capacitados para lidarem com o novo então terão educandos críticos e cada vez mais inserido nesta realidade a qual são pertencentes.

“Além disso, a utilização de outras linguagens e recursos didático-metodológicos pode aumentar o interesse dos alunos pela geografia; com o interesse reavivado, torna-se produtivo investir e reinvestir no ensino” (SANTOS, COSTA, KINN in BUITONI, 2010, p.46)

As escolas dispõem muitas vezes de alguns aparatos tecnológicos o que não significa que estes são utilizados pelos professores de geografia, em sala, na construção do saber

geográfico. Ou seja, as escolas estão caminhando para se inserir nesta nova realidade, porém, para que haja total sucesso é necessário, além dos meios tecnológicos, capacitações quanto ao seu uso, como recurso didático-metodológico.

Segundo Mercado (1999)

A necessidade de formar os professores em novas tecnologias se dá principalmente pela significação que estes meios têm na atualidade. As novas tecnologias requerem um aluno mais preocupado pelo processo do que com o produto, preparado para tomar decisões e escolher seu caminho de aprendizagem (MERCADO, 1999, p. 14)

Sendo assim, é de função do educador mostrar ao educando que a aprendizagem se dá por meio de variados processos. E que estas novas linguagens são uma entre tantas ferramentas que auxiliam o aluno na construção do próprio conhecimento. Assim, o aluno por meio das novas ferramentas tecnológicas da informação e comunicação teria acesso as mais variadas informações, desta forma interagindo com o mundo que a geografia lhes permite conhecer, e conseqüentemente contextualizaria a sua realidade local. “Aí, estariam professor e aluno, descobrindo e recriando a ciência geográfica” (OLIVEIRA in PONTUSHCKA, 2004, p.218)

2.3.3 Sala de informática: Qual a verdadeira função deste espaço?

Segundo Santos (2008, p. 104) “O espaço é um sistema de valores, que se transforma permanentemente (...) constitui a matriz sobre a qual novas ações substituem as ações passadas. É ele, portanto, presente, porque passado e futuro”. De acordo com o autor o espaço tende a mudar de acordo com a função e significação que lhe é atribuído.

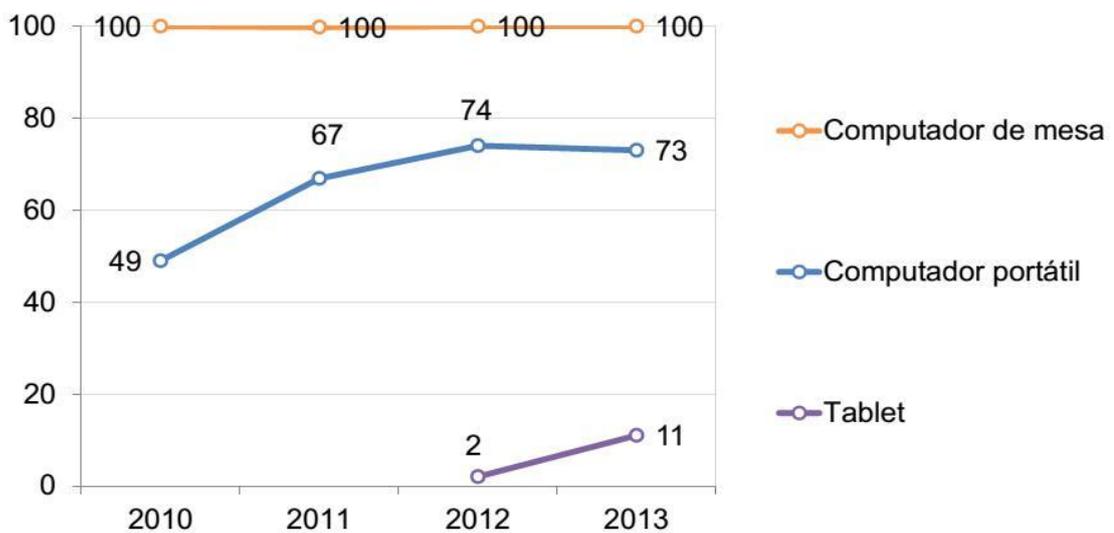
A maioria das escolas, atualmente, dispõem de um laboratório de informática e na Escola Estadual prof^o Joaquim Torres, localizada no município de Serra de São Bento/ RN, não é diferente. Porém, o que se questiona é a utilidade do mesmo nas aulas de geografia, já que os computadores são uma das NTICs (Novas Tecnologias da Informação e Comunicação) mais utilizadas.

Segundo dados obtidos através de pesquisa nas escolas brasileiras (da zona urbana) públicas (municipais e estaduais) e privadas do ensino básico, entre os anos de 2010 a 2013, (**Pesquisa TIC Educação 2013**) “99% das escolas públicas possuem computador” das quais

“76% das escolas públicas possuem computadores disponíveis para uso com os alunos” sendo que “95% das escolas públicas tem acesso à internet”.

De acordo com o gráfico abaixo (figura 02) fica evidente que todas as escolas públicas entre o ano de 2010 e 2013 possuem computadores de mesa, com um crescente aumento no uso do computador portátil que em 2010 correspondia a 49% já em 2013 chega a 73%. Já os tablets chegam às escolas públicas em 2012 abrangendo 2% chegando a 13% em 2013.

Figura – Gráfico 01: Computadores nas escolas públicas (2010-2013)



cetic.br Base: Escolas que possuem computador
Público 2010 (497) / 2011 (471) / 2012 (576) / 2013 (599)

Disponível em: <http://www.cetic.br>

Acessado em: 08/05/14 às 17: 05h

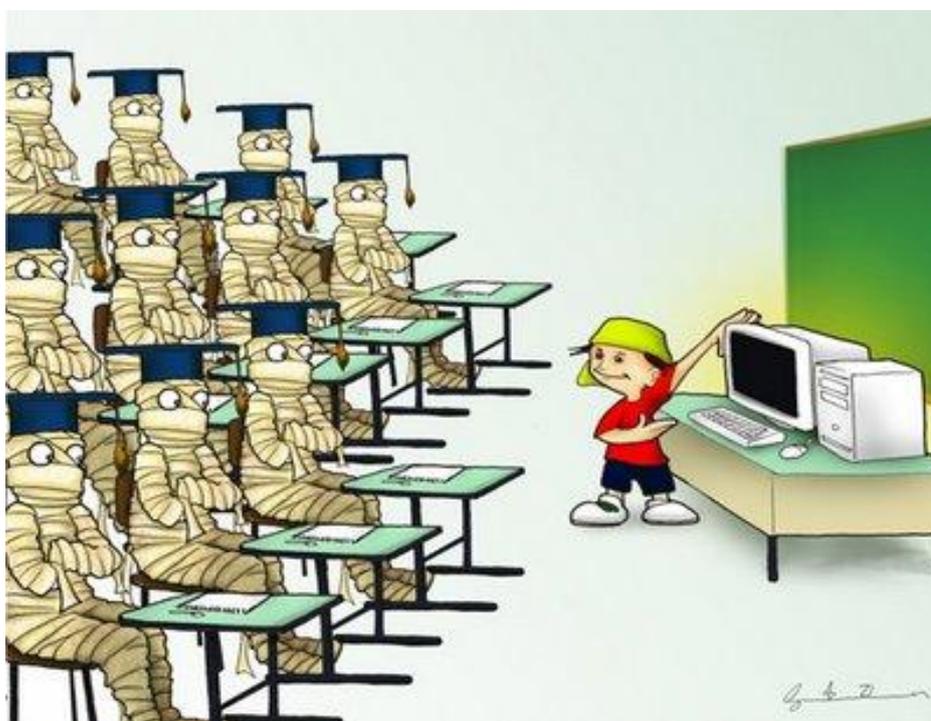
Adaptado pela autora, 2014.

De acordo com o gráfico 01 todas as escolas públicas brasileiras (localizadas na zona urbana) já dispõem de computador de mesa. Porém, se questionarmos quantos desses são usados como ferramentas pedagógicas auxiliares à construção do saber geográfico, o percentual tende a ser baixo. Pois, mais que equipamento é necessária instrução quanto o uso deste recurso em sala de aula. “Não basta apenas dotar as escolas com novas tecnologias, comprando equipamentos sofisticados e aumentando o espaço físico, sendo necessário formar

e preparar o professor para que ele tire o melhor proveito destas tecnologias que estão à sua disposição” (MERCADO, 1999, p.25)

A escola dispõe do recurso tecnológico, mas será que este é devidamente usado? Tanto do ponto de vista dos alunos quanto dos professores. A falta de instrução técnica por parte dos docentes ainda é um agravante no que tange o uso das novas tecnologias no processo de ensino da geografia, o que se reflete na aprendizagem do aluno, ou melhor, num aprender que acaba não acontecendo.

Figura – Charge 01: Professores x Novas Tecnologias



Disponível em: <http://www.Pssika2010.blogspot.com>

Acessado em: 17/10/14 às 19h53min h

De acordo com Candau (2008, p.20) “Na perspectiva da tecnologia educacional a didática se centra na organização das condições, no planejamento do ambiente, na elaboração dos materiais instrucionais. A objetividade e racionalidade do processo são enfatizadas”. Sendo assim, antes da utilização das NTICs (novas tecnologias da informação e comunicação) é necessário haver um planejamento prévio sobre a sua utilização e os objetivos pretendidos alcançar com as mudanças metodológicas quanto ao ensino dos conhecimentos geográficos. Nesta perspectiva Vieira, Almeida e Alonso (2003) vêm apontar um dos problemas mais frequentes quanto ao mau uso de uma das NTIC- a informática- advinda da falta de

planejamento prévio por parte dos educadores quanto ao seu uso. Assim, a informática tende a se desvincular do papel de ferramenta de apoio pedagógico nas aulas de geografia,

... Uma vez que o uso da tecnologia acaba se restringindo a momentos de utilização do laboratório de informática, onde muitas vezes se desenvolvem atividades paralelas, sem conexão com as disciplinas do currículo estabelecido ou com a aprendizagem de conceitos relacionados com as áreas de conhecimento (VIEIRA, ALMEIDA e ALONSO, 2003, p.13)

Ainda segundo os autores este fato se dá – mesmo no caso dos professores capacitados quanto ao uso da informática – devido “fatores da estruturação organizacional da escola: falta de tempo, de espaço, de equipamentos ou de apoio técnico, ou ainda para a falta de incentivo...” (p.13). Porém, segundo Passini (2010, p.78) “O bom professor é aquele que consegue trabalhar a construção do conhecimento com os alunos independente do espaço e da infraestrutura que lhe sejam disponibilizados”. A estrutura disponível para professor e aluno tende a interferir no processo ensino/aprendizagem, cabendo ao professor buscar mecanismos que minimizem os efeitos decorrentes destas situações cotidianas.

FOTO 01: Laboratório de Informática/ Sala dos Professores da E. E. Profª. Torres



FONTE: Da autora, 2014.

Os computadores disponíveis na instituição (E.E.P.J.T) são referentes ao “projeto Alvorada II³ de 2004” o qual trouxe os seguintes recursos: 7 computadores, 4 nobreaks e 3 impressoras. Porém, antes deste já haviam vindo outros computadores através do programa PROINFO⁴.

2.3.4 o uso do celular como ferramenta de aprendizagem

Dentre as NTICs encontramos aquele que se faz mais comum entre os alunos – o celular. Este ocupa papel de destaque na sala de aula, e por que não dizer é o protagonista no momento de ensino, pois, enquanto o professor se remete a transcrever os conhecimentos geográficos no quadro, os alunos estão conectados com o que acontecem em todo o mundo, todavia, desconhecem o que acontece em sala. Isto porque julga “chato, enfadonho, desnecessário” ao seu cotidiano.

Mas, como mudar esta situação? Como usar esta ferramenta ao nosso favor, tendo ela como auxiliar na construção do conhecimento?

O conhecimento geográfico se faz dentro e fora da sala de aula. Mas como se utilizar desta ferramenta? Esta pode auxiliar os alunos na realização de trabalhos de pesquisa pelos bairros, documentários, exposição de fotos (vegetação, urbanização, agricultura familiar, etc.), entre outras. Uma das perspectivas desenvolvidas pelo professor 1 foi na realização das aulas de campo. Tendo em vista que este aparelho possibilita ao aluno gravar voz, fotografar, filmar, localizar-se (através de mapas virtuais, GPS). Desta forma se dinamiza a aula, além de tornar os alunos protagonistas do processo de produção do conhecimento. Sendo assim, os educandos tornam-se...

Exploradores do seu espaço, observando, descobrindo e analisando as diversidades socioambientais que a sala de aula não trazia as suas mentes, desenvolvendo sua percepção social sobre a realidade em que vivem, assim tornando cidadãos críticos e ativos em termos de ideias e ações viáveis que contribuam para a percepção dos problemas de sua comunidade, gerando soluções criativas para a melhoria do ambiente em que vive (RICARTE e CARVALHO in SOUZA, MOITA e CARVALHO, 2011, p. 269)

³ Projeto Alvorada II 2004° - projeto desenvolvido na Instituição de ensino E. E. Profº J. Torres, o qual possibilitou o recebimento dos atuais computadores disponíveis na escola.

⁴ PROINFO- Projeto responsável pela chegada dos primeiros computadores da Escola E. Profº J. Torres.

Todavia, ao mesmo tempo em que esta ferramenta auxilia o professor, ela também o atrapalha. Isto se dá por que os educandos ainda não são capazes de enxergar as utilidades pedagógicas do aparelho celular em sala. E sendo assim, as utilizam no momento da aula para ter acesso as redes sociais. O que fazer para mudar esta realidade? Como tornar esta ferramenta auxiliar do processo de ensino/aprendizagem, já que a mesma ganha a cada dia mais espaço no cotidiano dos adolescentes dentro e fora do espaço escola?

Figura – Charge 02: O celular em sala



O celular torna-se a ferramenta mais utilizada no momento da aula. Porém, eis uma de suas principais utilidades!

Disponível em: <http://www.escolaprofgabrielblogspot.com/2014/06>
Acessado em: 17/10/14 às 19:37h

Ao discutir sobre o assunto uma professora relata *“hoje sabemos que essas tecnologias e internet fazem parte da vida deles. A todo o momento estão se comunicando, clicando daqui, dali, e nós (professores) só vemos o celular, na sala de aula, como uma coisa ruim porque não estamos preparados para isto. Não entendemos bem como usar isso a nosso favor. E a noite a situação é pior. Quando saio da escola vejo os alunos da EJA nas calçadas em frente (a escola) acessando, porque tem acesso ao wifi da câmara de vereadores (que se*

localiza em frente à instituição em questão). E os que estão na sala, é um 'cutucado' no celular direto. Ai me pergunto o que podemos fazer?"

Este não é um problema único e exclusivo desta escola, mas o que se evidencia é que os professores não acompanham o ritmo dos alunos quando a questão é as tecnologias. Porém, os educandos fazem mau uso do celular porque desconhecem a sua utilidade como ferramenta de aprendizagem em sala. E assim, o celular vai sendo indevidamente utilizado, e a única função que este detém nas mãos dos alunos é acessar as redes sociais no momento da aula. Conversando com um dos alunos da instituição lhe pergunto: porque passar quase que toda a aula nas redes sociais? E este me afirma *"é chato todo dia a aula do mesmo jeito. E meus amigos falam comigo, aí prefiro responder e continuar conversando"* (aluno do Iano B-noturno).

Neste caso se evidencia a falta de informação quanto às utilidades desta ferramenta. Se o professor não repensar sua metodologia, buscando se inserir neste novo cenário tecnológico-informacional, o qual a educação dos dias atuais está caminhando, então os resultados serão estes. Um ensino desvinculado do contexto socioeconômico e tecnológico, sendo assim, um conhecimento "desnecessário" do ponto de vista dos alunos, já que o mesmo não mantém vínculo com seu dia a dia. E conseqüentemente desta forma não haverá a construção do conhecimento, no que tange o alunado.

3 REFERENCIAL METODOLÓGICO

A pesquisa iniciou-se por um estudo bibliográfico de autores como Pedro Demo (2010), Vera Maria Candau (2008), Libâneo (2001), Regina Célia (2006), Santos (2008), Castells (1999), Mercado (1999) entres outros autores que foram de fundamental importância para embasar a pesquisa em questão.

Na sequencia fizemos a pesquisa em campo que se caracteriza pela "observação dos fatos tal como ocorrem. Não permite isolar e controlar as variáveis, mas perceber e estudar as relações estabelecidas" (RODRIGUES, 2007, p7). Sendo assim foram feitas observações nas aulas de geografia de dois professores da disciplina para constatar na prática a geografia ensinada, se esta mantém vínculo com o contexto social atual.

Além das observações em sala foram realizadas pesquisas com educadores e gestores, além da aplicação de questionários com alunos e professores de geografia nas turmas observadas. Foram tiradas fotos da instituição e das aulas.

3.1 O ESTUDO DE CASO COMO MÉTODO DE PESQUISA

A pesquisa caracterizou-se como um estudo de caso, que segundo Triviños (2008, p.133) “É uma categoria de pesquisa cujo objeto é uma unidade que se analisa aprofundadamente”. Dentre os tipos de estudo de caso, este é um estudo de caso observacional que de acordo com o autor, citado acima, “Esta é uma categoria típica, poderíamos dizer, de pesquisa qualitativa” (p.135).

O foco deste estudo foram as seguintes turmas: 8º ano A, 9º B e as duas turmas de ensino médio, 1º C e 3ºB, o EJA 6 e 7 (noite) da Escola E. Profº Joaquim Torres, as quais correspondem ao término do ensino fundamental e ingresso no ensino médio tendo em vista analisar a geografia empregada nestas turmas, em especial as do ensino regular.

3.2 A DESCRIÇÃO COMO FERRAMENTA DE DIAGNÓSTICO DO ENSINO

A descrição, dos dados observados, foi a principal ferramenta para diagnosticar a geografia que se propaga no espaço da sala de aula. A pesquisa tornou-se de cunho descritivo por que se baseou em dois pontos fundamentais “Itens são observados, registrados, analisados, classificados e interpretados, sem interferência do pesquisador; uso de técnicas padronizadas de coleta de dados (questionário e observação sistemática)” (RODRIGUES, 2007, p.8)”

Nesta perspectiva “A pesquisa qualitativa de tipo histórico-estrutural, dialética, parte também da *descrição* que intenta captar não só a aparência do fenômeno, como também sua essência. Busca, porém, as causas da existência dele, procurando *explicar* sua origem, suas relações, suas mudanças e se esforça por *intuir* as conseqüências que terão para a vida humana” (TRIVIÑOS, 2008, p.129)

Sendo assim, os estudos descritivos, como o estudo de caso, tem por finalidade um aprofundamento na descrição da realidade em foco. “No estudo de caso, os resultados são válidos só para o caso que se estuda” (TRIVIÑOS, 2008, p.111).

4 DADOS E ANÁLISE DA PESQUISA

4.1 BREVE HISTÓRICO DO ESPAÇO ESCOLAR ESTUDADO

A Escola Estadual Professor Joaquim Torres localizada na rua, nº S/N, no município de Serra de São Bento/RN fora fundada em 1950 com a nomenclatura de Escolas Reunidas Profº Joaquim Torres. A escola contava com uma infraestrutura simples, uma única sala de aula (onde atualmente se localiza a diretoria e secretaria) onde funcionava o ensino básico, o primário, e outra sala que correspondia à casa da professora que lecionava na instituição, e este espaço hoje em dia é a cozinha.

Em 1984 é implantado o magistério, e a primeira turma de concluintes foi direcionada a sala de aula. Esta primeira turma era composta pela grande maioria dos professores que hoje fazem parte do corpo docente.

No decorrer dos anos foi sendo agregadas outras séries e hoje é a única escola do município com o ensino médio. Com o passar dos anos houve uma mudança no seu espaço, sua utilização e até mesmo “função”, quando passa a instruir em níveis mais elevados (fundamental, médio e EJA). Na foto 03 é possível observar uma foto antiga da instituição, desfile cívico, e na foto ao lado a atual estrutura física da escola.

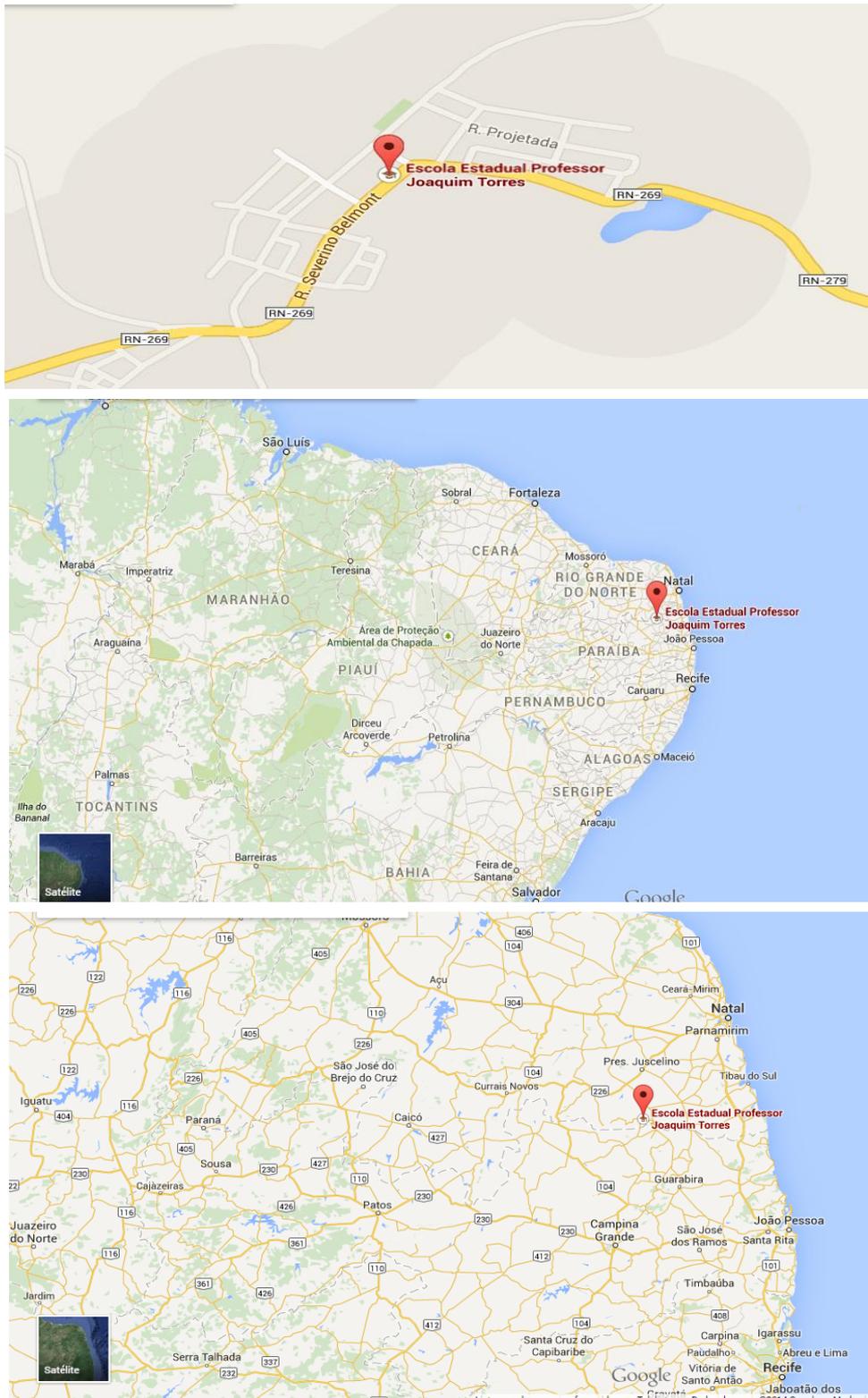
FOTO 02: Comparativo da estrutura da escola nas décadas de 50 e 60 com a atual encontrada em 2014



FONTE: <http://www.blogdaserra.com.br>
24/10/14 às 18:30

FONTE: Da autora, 2014.

Figura 02: Imagem da localização da instituição de ensino E. E. Profº J. Torres



Disponível em: <http://www.googlemaps.com.br>

Acessado em: 24/10/14 às 18:05h

Adaptado pela autora, 2014.

Neste ano letivo de 2014 a escola Estadual professor Joaquim Torres conta com 561 alunos matriculados. Sendo 255 no ensino fundamental, 219 no médio e 87 na modalidade EJA. Quanto a sua estrutura física, esta foi sendo ampliada até os dias atuais.

4.2 PIP – PROJETO DE INOVAÇÃO PEDAGÓGICA

PIP – Projeto de Inovação Pedagógica que tem como campo de desenvolvimento: Educação Econômica e Empreendedorismo, Meio Ambiente e Sustentabilidade. O projeto está previsto para funcionar a partir de 2015.

Entre seus objetivos busca romper com as metodologias desenvolvidas até o momento buscando instigar nos alunos um maior interesse, criticidade e aprendizagem, dentro desta perspectiva tecnológica informacional. Dentre as suas estratégias temos *“Utilização de pesquisas na internet com orientação e acompanhamento pelo professor, por equipe com data pré-fixada”* (vice-diretora Jacira Faustino)

Este projeto é voltado para as turmas de 6º ano e isto se justifica pelo fato de *“tentar despertar o interesse e o gosto pelo estudo em turmas do 6º ano, uma vez que, a maioria dessa clientela, vem para escola como uma obrigação e não como uma oportunidade de buscar melhorias para sua vida em sociedade”* (vice-diretora Jacira Faustino). Além de corresponder às turmas onde o índice de reprovação, evasão e repetência é maior.

Sendo assim busca-se por meio deste projeto alcançar duas metas que são essências para haver uma ruptura com este ciclo.

Figura 03: Ciclo educacional da maior parte das turmas do 6º ano.



FONTE: Da autora, 2014.

Isto se justifica pelo fato de que com a falta de interesse e compromisso dos educandos no âmbito escolar no final do ano letivo haverá cada vez mais alunos reprovados o que no momento acaba ocasionado um grande número de alunos repetentes e conseqüentemente quando estes já estão a três ou quatro anos na mesma série tendem a evadir.

Figura – Gráfico 02: desempenho Quantitativo do ano letivo de 2013

ANOS	MAT	ABAN-	TRANSF	APROV	REPROV	TAXA	TAXA	TAXA
FINAIS	INICIAL	ONNO				APROV	REPROV	ABAND
6 ^º A	28	-	-	19	09	67%	32%	0%
6 ^º B	25	-	-	10	15	40%	60%	0%
6 ^º C	27	05	-	13	08	48%	29,6%	18,5%
TOTAL	80	05	-	42	32	52,5%	40%	6,2%

FONTE: E. E. Prof^º J. Torres, 2014.

Estas são as metas a serem alcançadas...

- ▶ “Melhorar, em 60% dos alunos, o interesse em aprender e a participação nas atividades de sala de aula no final de cada semestre letivo;
- ▶ Elevar o índice de aprovação e aprendizagem de 52,5% para 75% no 6º ano do Ensino Fundamental” (vice-diretora Jacira Faustino)

As quais foram baseadas nestes resultados do ano letivo de 2013. Sendo assim, “Temos que desenvolver esse projeto nas turmas com maior índice de repetência, desinteresse”(vice-diretora)

4.3 MAPAS: CONHECENDO E CONTEXTUALIZANDO OS ESPAÇOS

A geografia é a ciência que estuda o espaço geográfico e suas representações. E uma das ferramentas complementares a leitura e releitura deste espaço é o mapa, este compreendido como “uma representação codificada de um determinado espaço real. Podemos até chamá-lo de um modelo de comunicação, que se vale de um sistema semiótico complexo” (ALMEIDA e PASSINI, 2005, p.15)

Porém o que é perceptível no ambiente escolar é que os alunos tem dificuldade em fazer a leitura de mapas, a qual ocasiona certa dificuldade quando estes são questionados quanto à noção de espaço.

“Ora, a compreensão do mapa por si mesma já traz uma mudança qualitativamente superior na capacidade do aluno pensar o espaço. O mapa funciona como um sistema de signos que lhe permite usar um recurso externo à sua memória, com alto poder de representação e sintetização” (ALMEIDA e PASSINI, 2005, p.13)

FOTO 03: Uso do mapa para contextualizar o conhecimento apreendido em sala (6º ano A)



FONTE: Da autora, 2014.

Na foto 03 é possível analisar a utilização do mapa como recurso didático de fundamental importância para que o aluno relacione o conteúdo trabalhado com a sua realidade local, desta forma, contextualizando o conhecimento que está sendo construído coletivamente.

Com o uso do mapa é possível contextualizar, através da aproximação, lugares alheios a sua realidade local, “O mapa é, então, mais uma ferramenta para a leitura do mundo” (CALLAI in BUITONI, 2010, p.32) Ainda segundo a autora,

“o mapa é a possibilidade de aproximar lugares que não estejam acessíveis e também permite uma visão global de espaços que possam ser próximos. Por isso mesmo, antes que a criança passe a ler o mapa é fundamental que ela consiga compreender que os lugares que ela vê e nos quais vive ela e as demais pessoas vivem podem ser representados” (CALLAI in BUITONI, 2010, p.32)

Mas, para isto é necessário uma metodologia que possibilite ir além de usar o mapa para localizar cidades e países. É preciso que o professor conheça as possibilidades de utilização do mapa para melhor orientar o educando quanto ao uso do mapa e suas representações.

Segundo Pontuschka (2009, p.325) “Uma das grandes dificuldades apontadas pelos alunos do ensino médio das escolas públicas nas provas do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem) refere-se à interpretação de mapas” E isto ocorre por que não é cobrado dos educandos, em sala de aula, o domínio da leitura de mapas. E eis a consequência, um aluno que detém um conhecimento fragmentado da geografia.

4.4 O PAPEL DO LIVRO DIDÁTICO NO ENSINO DA GEOGRAFIA

“Sabe-se que um dos materiais didáticos que está intrinsecamente ligado ao desenvolvimento da Geografia na escola é o livro didático, que em muitos casos foi e é o orientador das aulas de Geografia, restringindo o conhecimento a tal recurso” (PINA, 2009, p.15)

A maioria dos professores de geografia vê o livro didático como principal fonte do conhecimento geográfico, o que em muitos casos, contribui de maneira direta para que não seja questionado o que está posto nos livros. Todavia há aqueles que agregam a este recurso outras fontes de conhecimento.

FOTO 04: Livro, principal fonte do conhecimento geográfico em sala.



O livro didático é o recurso mais utilizado nas aulas de geografia, mesmo quando há a utilização de outras ferramentas.

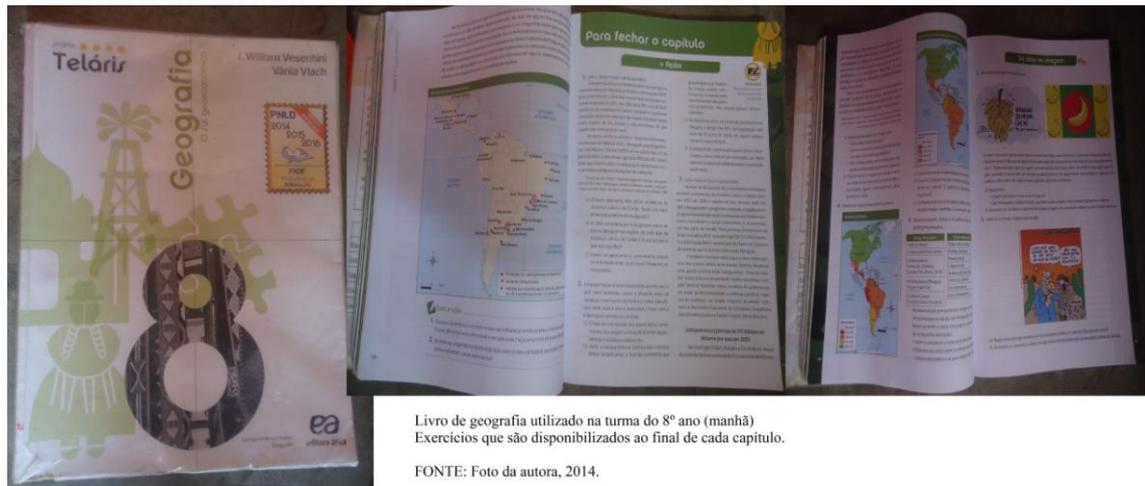
FONTE: Da autora, 2014.

Nas diferentes turmas observadas dentre os recursos mais utilizados está o livro didático. Os livros de geografia além dos conteúdos e imagens para leitura análise, trazem também exercícios ao final de cada capítulo, os quais têm de ser respondidos pelos alunos, como uma forma de “avaliar” e induzir o aluno a uma releitura do que foi estudado em sala.

Uma das características fundamentais do livro didático entre tantas outras, e o que o difere de outros tipos de livros, é o seu uso associado diretamente ao espaço escolar. Como instrumento pedagógico, se torna uma ferramenta do processo ensino-aprendizagem, subsidiando a prática do professor. Compreendido também como depositário de conteúdo, o livro didático interfere direto e indiretamente nos conteúdos que irão contribuir para a constituição dos saberes escolares. (SAMPAIO E ALBUQUERQUE, disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/sernne/artigo29.pdf>, acessado em: 20/10/14 às 20:48)

O livro didático tem papel fundamental no processo de ensino/aprendizagem, dependendo da prática desenvolvida pelo professor. “Nesse sentido, o livro didático em Geografia tem se mostrado ao longo do tempo, mais do que um simples suporte de conteúdo, ele tem sido responsável pela disseminação do saber, independente do tipo de Geografia trabalhada nas escolas, se Tradicional ou Crítica”.

FOTO 05: Atividade extraclasse - Livro de geografia utilizado em sala na turma do 8º ano A (manhã).



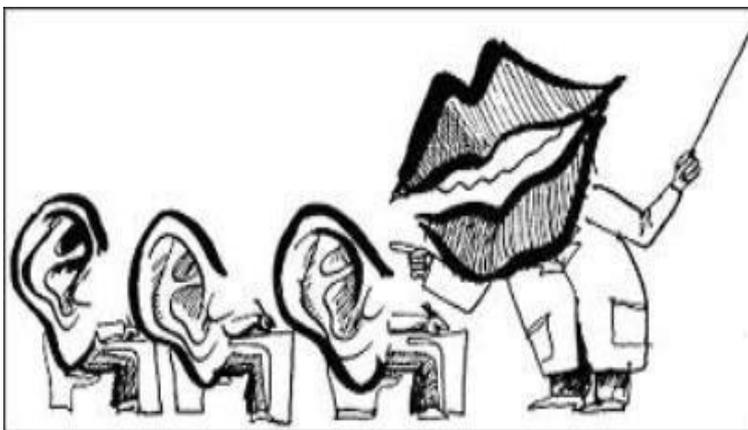
FONTE: Da autora, 2014.

Na foto 05 temos as atividades encontradas no final de cada capítulo do livro, as quais são repassadas para serem respondidas em casa, as quais serão corrigidas na aula seguinte.

4.5 REVENDO METODOLOGIAS DE ENSINO

O ensino da geografia durante muitos anos foi marcado pela transmissão oral dos conceitos básico da geografia, sem que estes fossem questionados. Pois a função do aluno era receber o conhecimento que lhe era fornecido pelo professor.

Figura- Charge 03: O professor detém o saber



Disponível em: <http://www.relatosdegeografia.blogspot.com>

Acessado em: 17/10/14 às 19:28h

De acordo com Libâneo (2001, p.29) “O ensino exclusivamente verbalista e mera transmissão de informações, a aprendizagem entendida somente como acumulação de conhecimentos, não subsistem mais” Porém, na maioria das vezes esta é a pedagogia de ensino.

Na pedagogia tradicional de ensino os conhecimentos prévios dos educandos não eram aceitos, pois estes eram visto como desprovidos de qualquer conhecimento, o que nos dias atuais pouco acontece. Para haver a formação de sujeitos críticos é necessário que o educador lhe instigue a criticidade.

No decorrer da aula de geografia na turma do 9º ano B (05/08/14, 2º horário), os alunos foram convidados a participar do momento da aula.

“O que vocês sabem sobre o Japão?” (prof).

“eles desenvolvem muitas tecnologias” (aluno)

FOTO 06: A construção do saber partindo dos saberes dos educados



JAPÃO:

Terremoto
Tecnologia
Limpo
Peixe
Educação
Vulcão

FONTE: Da autora, 2014.

A imagem 06 mostra o momento inicial da aula, o qual o educador instiga os alunos a expor seus conhecimentos prévios acerca do tema da aula “Japão”, transcrevendo o que lhe é dito no quadro, para que posteriormente possa ser discutido.

Após a exposição dos conhecimentos prévios dos alunos foi realizada a leitura coletiva. A qual conta como nota de participação. Cada aluno é responsável pela leitura de um parágrafo do texto estudado no livro didático, o qual em seguida é explicado pelo professor que se utiliza de exemplos do próprio cotidiano do aluno para que este compreenda. Partindo do local par o global.

Nesta perspectiva de um ensino critico/construtivo Libâneo (2001, p. 26) alerta que...

“a escola precisa deixar de ser meramente uma transmissora de informação e transforma-se num lugar de análises críticas e produção da informação onde o conhecimento possibilita a atribuição de significado à informação” Libâneo (2001, p. 26).

Figura- Charge 04 – Alienação do alunado



Disponível em: <http://www.circomagicoleitura.blogspot.com>

Acessado em : 17/10/14 às 19:32h

Ensinar vai além de transferir conhecimentos pronto e acabado. Mas para que haja uma quebra com este paradigma é necessário se pensar: que tipo de alunos quer formar? Alunos submissos que não questionam o que está posto, ou alunos críticos? Cabe ao educador tentar buscar a melhor metodologia de ensino.

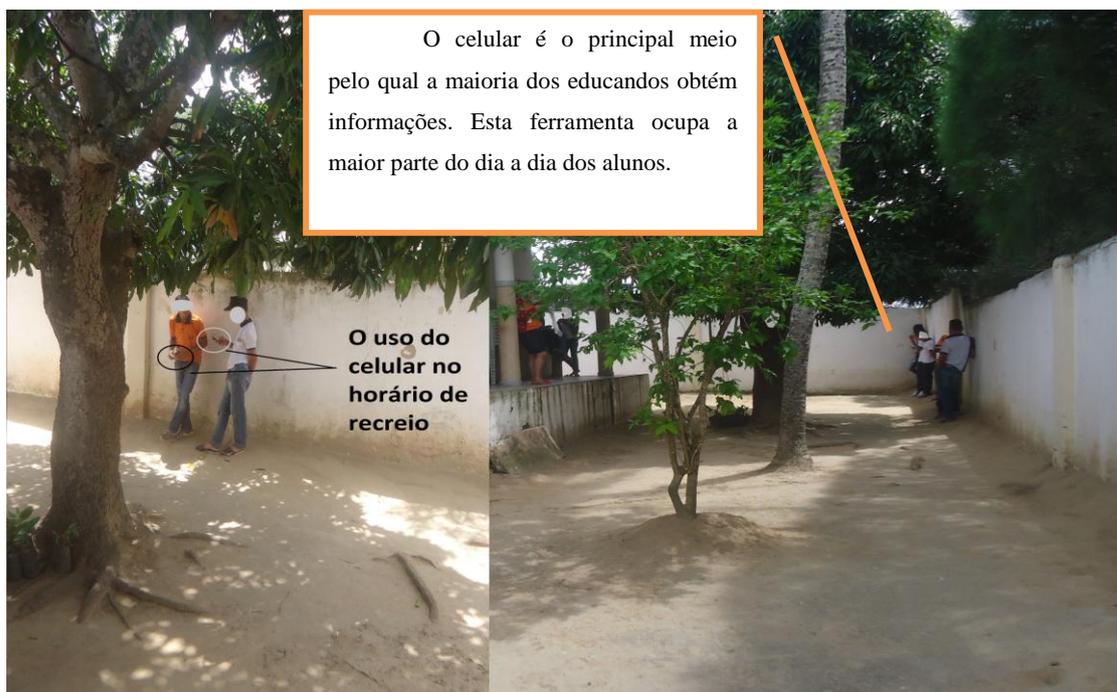
4.6 CELULAR: PRINCIPAL FORNECEDOR DE INFORMAÇÕES NO AMBIENTE ESCOLAR

O celular, dentre as suas várias funções, é o principal propagador de informações no ambiente escolar, isto por que é a ferramenta mais utilizada pelos alunos, desta forma ocupando a maior parte do seu dia a dia. A dificuldade surge quando esta ferramenta penetra no espaço escolar, mais especificamente nas salas de aula, sem fazer parte da dinâmica da aula.

A problemática desta ferramenta no ambiente escolar centra-se na falta de capacitação, de professores e alunos, quanto ao uso nas aulas de geografia e utilização para além das redes sociais. O prof^o 1 busca de maneira rudimentar utilizar as redes sociais (*facebook*) a seu favor. Mas, como? Enviando atividades, conteúdos, avisos para a turma. Desta forma os alunos que não tem acesso ao *facebook* vão passar a ter e os que já dispõem de seu uso vão utiliza-lo também para fins pedagógicos.

Mas, o que isto tem a ver com o problema do uso do celular na comunidade escolar? Simples. Cada vez que nós professores encontramos os alunos dispersos no momento da aula, em sua maioria estão acessando as redes sociais via celular.

Foto 07: O celular como principal transmissor de informações ao aluno



Nesta imagem é possível detectar a importância de uma instrução quanto ao uso adequado desta ferramenta. Os alunos costumavam reunir-se neste espaço para ter acesso ao *wifi* da câmara de vereadores, quando não “gazeavam” aulas para ficar em frente à câmara (mas neste caso a incidência maior é com as turmas de EJA da noite). Tentando amenizar tal situação os gestores da instituição liberaram o acesso ao *wifi* da própria escola no horário de recreio.

4.7 QUESTIONÁRIOS:⁵

Em um estudo de caso em turmas do ensino fundamental (8º e 9º), médio (1º, 2º e 3º noturno) e EJA (6º e 7º período) é possível constatar na prática qual a geografia ensina em sala, a tradicional. Porém, com resquícios da geografia crítica.

O questionário abaixo foi aplicado nas seguintes turmas: 8º ano matutino, 9º ano vespertino e 3º ano do ensino médio noturno. Não sendo aplicado nas turmas de EJA.

1. Quando lhes foi questionado quais os recursos geotecnológicos usados em sala pelo professor de geografia a resposta foi unanime, nenhum dos alunos nunca ouviu falar esta palavra.

TABELA 01: Geotecnologias no cotidiano escolar

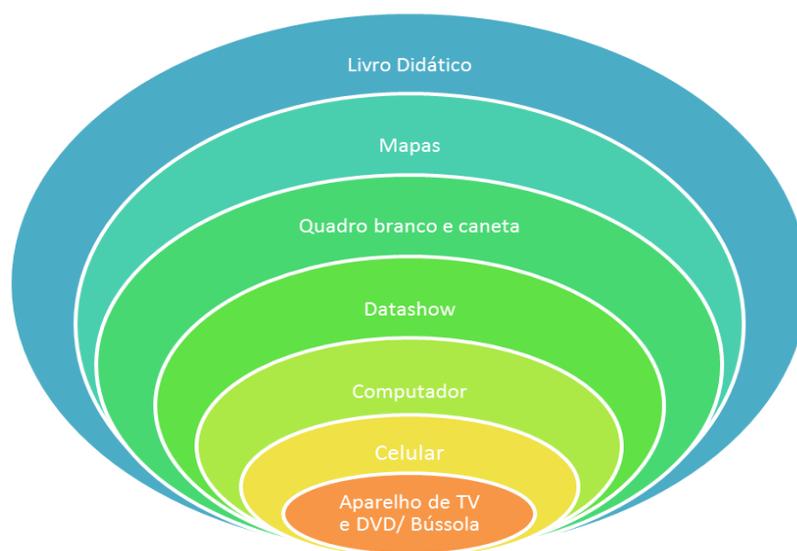
<i>RECURSOS</i>	<i>Frequentemente</i>	<i>Raramente</i>	<i>Nunca foi Utilizado</i>	<i>Outros</i>
Google maps			X	
GPS			X	
Google Earth			X	

E dos recursos citados acima nenhum é usado nas aulas de geografia.

2. Quais os recursos didáticos mais utilizados nas aulas de geografia?

⁵ No decorrer do questionário não serão mencionados nomes de alunos nem de professores, para manter a privacidade dos mesmos.

Figura – Diagrama 01: Recursos mais utilizados na E.E Profº Joaquim Torres



FONTE: Da autora, 2014.

Como é observado, dos recursos perguntados, o mais utilizado no auxílio da construção do saber geográfico ainda é o livro didático, seguido dos mapas disponíveis na instituição e o quadro branco. Os demais não são usados (bússola e aparelho de TV e DVD), ou usados com pouca frequência, como é o caso do aparelho de celular, computador e Datashow.

O que podemos constatar é que no decorrer do processo de ensino da geografia as novas tecnologias pouco foram inseridas ao ato de ensinar e aprender. Prevalecendo ainda o modelo tradicional de ensino, isto do ponto de vista metodológico. Pois para romper com os paradigmas tradicionais de ensino é preciso bem mais do que introduzir aparatos tecnológicos, é necessário repensar a sua prática pedagógica.

3. O laboratório de informática é utilizado com frequência no horário de aula ou para pesquisa extraclasse? Caso a resposta seja sim, o professor acompanha-os e orienta quanto ao uso deste recurso, ou são acompanhados por um monitor especializado na área?

Em todas as turmas participantes a resposta foi uma só, não utilizam a sala de informática.

4. Dentre as disciplinas que vocês julgam ser as mais importantes adquirir conhecimento para o dia a dia à geografia esta inclusa? Todos os alunos responderam que sim.

Porém, quando são questionados sobre o porquê de estudar geografia, eis algumas respostas:

“Para aprender as coisas do mapa e conhecer melhor países” (alunos do 9º ano B)

“Achamos importante, pois ensina sobre os países e suas qualidades”(alunos do 9º ano B)

“Para conhecermos melhor os países e suas culturas” (alunos do 8º ano A)

“Para adquirirmos novos conhecimentos e ficarmos atualizados sobre ela” (3º ano do ensino médio B)

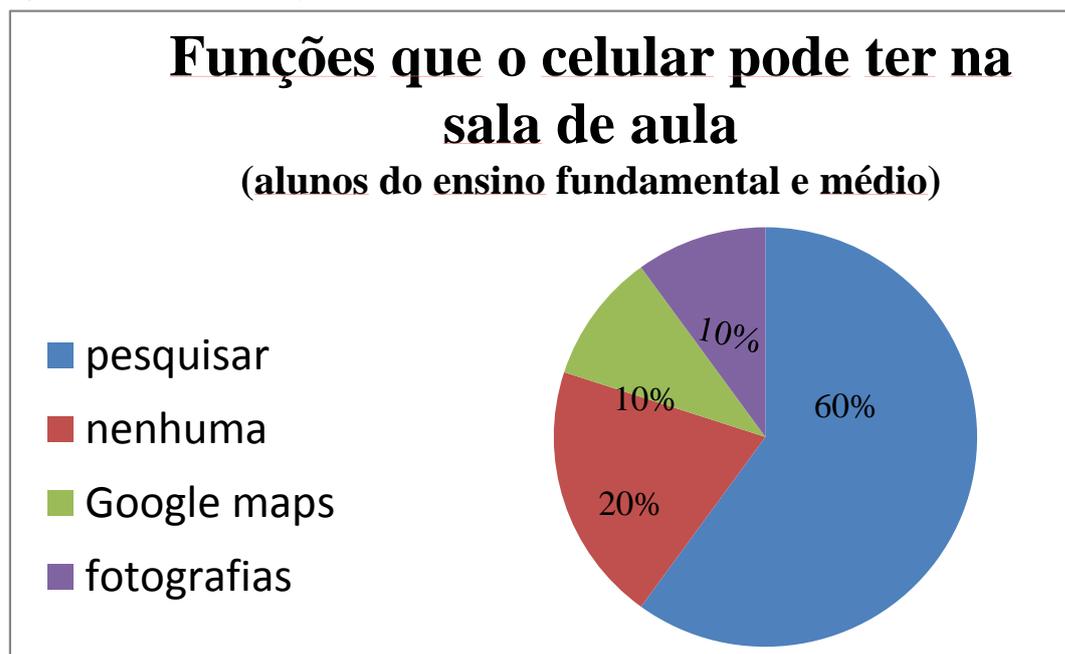
5. O que acham das aulas de geografia?

Só um dos alunos questionados afirmou não gostar. E os demais as veem como... “*interessante, boas*”.

6. É permitido o uso do celular em sala? A resposta foi única, não!

7. Quais as utilidades que vocês veem nesta ferramenta (o celular) para auxiliar o professor nas aulas de geografia? “*Pesquisar, tirar fotos, usa o google maps, e outros não vêem utilidade nenhuma em sala*”.

Figura – Gráfico 03: Funções do Celular em sala na visão dos educandos



FONTE: Da autora, 2014.

Posteriormente foi aplicado um questionário aos professores de geografia das turmas observadas.

1. Tiveram curso de capacitação digital? Qual?

O profº 1 confirma ter participação de uma capacitação, apesar de não lembrar qual. Já o profº 2 não teve nenhuma capacitação, porém sabe o básico e “necessário” de informática.

2.Com que frequência utiliza recursos tecnológicos em sala, nas aulas de geografia? Caso a resposta seja, sim, quais os recursos utilizados? E por quê? Se Nunca utiliza qual o motivo?

Prof 1: sempre utiliza. Data show, com apresentação de slides, filmes. Para mostrar imagens dos lugares já citados. Enquanto o profº 2 raramente ou nunca em certas turmas. Pois acha que não funciona...

3. Quais os aparatos tecnológicos que a escola dispõe que podem ser utilizados para dinamizar e tornar as aulas de geografia mais atrativa e produtiva? Neste aspecto ambos os professores concordam, a escola dispõe de Datashow, computador, aparelho de DVD (e até uma lousa digital, a qual não é usada)

4.Você acredita que o uso do celular em sala (pelos alunos) com finalidades pedagógicas pode auxiliar o professor de geografia no processo ensino/aprendizagem? Por quê? Já que o mesmo é utilizado com frequência para acessar as redes sociais, e às vezes até no momento da aula?

O profº 1 acredita que sim, por que terá como finalidade dinamizar as aulas. Mas deve ter certo controle para que o aluno não use para outros fins. Na visão do profº 2 não.

FOTO 08: O celular como ferramenta pedagógica



Uso do celular para acessar a internet, por meio da qual teve acesso a uma imagem do município há 50 anos. Fazendo uma ponte entre o que está sendo trabalhado em sala com a realidade local conhecida pelos alunos

5. Os alunos são levados ao laboratório de informática para realizarem pesquisa? Por quê?

De acordo com o profº 1 “ *Não funciona*”. Por isso não os leva. Já o profº 2 justifica “ *não é bem estruturado, nem há alguém especializado para isto*”.

6. As novas tecnologias da informação e comunicação fazem parte da realidade não só dos educandos, mas da sociedade no geral. Você acredita que estas ferramentas tendem a auxiliá-lo no processo ensino/aprendizagem, por fazerem parte do cotidiano dos alunos e por estas tornarem as aulas de geografia mais atrativas?

“*Sim. Por exemplo, o aluno tem um amigo numa rede social que mora em um lugar citado no conteúdo, ele pode pedir informações a este*” (profº 1)

7. Você introduz ao processo de aprendizagem as geotecnologias? Quais? Nos dias atuais vários autores alertam para a importância das geotecnologias no auxílio do processo de aprendizagem do espaço geográfico.

“*Sim, porém muito pouco. O GPS do celular*” (profº 1)

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em sua trajetória a geografia escolar sempre esteve atrelada aos resquícios do que foi a pedagogia tradicional de ensino, e isto é evidenciado até hoje. Pois na maioria das escolas as aulas de geografia ainda são praticadas com base nesta metodologia.

O que de certa forma contribui para a tardia inclusão do espaço escolar no meio técnico-científico-informacional. Desta forma o que se ensina em sala pouco retrata o contexto do educando. Infelizmente aumentando o desinteresse do aluno pelo saber geográfico.

Porém, isto não significa que as instituições estão desprovidas de aparatos tecnológicos e sim de mão de obra qualificada quanto o uso das novas tecnologias da informação e comunicação (NTIC) como ferramentas pedagógicas. O que evidencia que a geografia a ser trabalhada pouco possibilita a formação de sujeitos críticos, isto não pela falta de inclusão das NTIC, pois de nada adianta o uso das mesmas se não houver uma renovação quanto às metodologias de ensino da geografia.

A inclusão de computadores no espaço escolar sem um planejamento prévio quanto ao seu uso adequado de nada adianta, pois na maioria das vezes as tidas salas de informática não são frequentadas pelos alunos e professores. Isto por que a maioria dos educadores não tem instrução sobre sua utilização, e quando sabem o básico, desconhecem como incorpora-los ao seu ensino na sala de aula, tão pouco na própria sala de informática.

A geografia escolar nos dias atuais ainda mantém resquícios do que foi a geografia tradicional, mesmo agregando elementos de outras tendências pedagógicas, isto se deve a sua pratica em sala de aula, que ainda se dá de maneira fragmentada e descontextualizada da realidade do educando. O qual não proporciona a formação de sujeitos críticos e inserido na dinâmica social atual.

O ensino da geografia, neste caso, remete-se a descrição, memorização e reprodução do conhecimento, sem que haja espaço para a construção do saber geográfico. Ou seja, mantem-se as metodologias tradicionais de ensino com um discurso de pedagogia crítica.

ABSTRACT

This work aims to evaluate the practice of teaching school geography in the current scenario focusing on the research use of the new information and communication technologies as aids in performing the teaching / learning. Thus, providing for the students an adequate training, regarding the requirements resulting from this technological society, so that they can develop skills and competencies that will enable them to explore the various technological tools that they have access inside and outside school. Thus, intending to later find ways within the constructivist teaching by which to break with traditional paradigms in teaching of geography. Having the Escola Estadual Professor Joaquim Torres located in the city of Serra de São Bento / RN, as a research field. So taking the praxis proving the efficiency of the use of New Technologies of Information and Communication (NTIC) in the course of knowledge acquisition if the use of these occur in the school environment.

KEYWORDS: NTIC. Geography teaching. Teaching resources.

REFERÊNCIAS

AGOSTINE, Adriana – **Contribuições da pedagogia socialista para a educação do MST – V ENCONTRO BRASILEIRO DE EDUCAÇÃO E MARXISMO. MARXISMO, EDUCAÇÃO E EMANCIPAÇÃO HUMANA** 11, 12, 13 e 14 de abril de 2011 – UFSC – Florianópolis – SC – Brasil.

ALMEIDA, Rosângela Doin de. **O espaço geográfico: ensino e representação** / Rosângela Doin de Almeida, Elza Yasuko Passini. 14 ed. São Paulo: Contexto, 2005. 90p.

BARBOZA, Pedro Lúcio – **Educação em questão : recortando temas e tecendo idéias** – Campina Grande : Latus, 2010. 184p.

BENTO, Maria Cristina Marcelino. CAVALCANTE, Rafaela dos Santos – **Tecnologias Móveis em Educação : Ouso do celular na sala de aula** – ECCOM, v.4, n.7 , jan./jun. 2013.

BUITONI, Marísia Margarida Santiago- **Geografia: ensino fundamental-** Coordenação Marísia Margarida Santiago Buitoni-Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da educação básica, 2010. 252p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental- **Parâmetros curriculares nacionais: Historia geografia-**Brasília : MEC/SEF , 1997.

CALLAI, Helena Copetti – **A formação do profissional da geografia**– 2. Ed.—Ijuí: ed.: Unijui, 2003. —80p.—(coleção livros de bolso).

----- **Escola, cotidiano e lugar.** In: Marísia Margarida Santiago Buitoni - **Geografia: ensino fundamental-** Coordenação Marísia Margarida Santiago Buitoni-Brasília: Ministério da Educação, Secretaria da educação básica, 2010. 252p.

CANDAUI, Vera Maria. **A didática em questão** – 28. Ed. – Petrópolis, RJ :Vozes, 2008. 128p.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **A geografia na sala de aula** / organizadora Ana Fani A. Carlos. 8. ed. , 1ª reimpressão - São Paulo : Contexto, 2007.

CASTELLAR, Sonia Maria Vanzella. SACRAMENTO, Ana Claudia Ramos. MUNHOZ, Gislaine Batista – **Recursos multimídia na educação geográfica : Perspectivas e Possibilidades. Ciência geográfica** – Bauru – XV – vol. XV – (1) : Janeiro/Dezembro – 2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede** / tradução Roneide Venancio Majer ; atualização para 6ª edição : Jussara Simão. – (A era da informação : economia, sociedade e cultura; V1) São Paulo : Paz e Terra, 1999.

CAVALCANTI, Lana de Souza – **Geografia e práticas de ensino-** Goiânia: Alternativa, 2002.

CORREA, Márcio Greyck Guimarães. FERNANDES, Raphael Rodrigues. PAINI, Leonor Dias – **Os avanços tecnológicos na educação : O uso das : O uso das geotecnologias no ensino de geografia, os desafios e a realidade escolar** – Acta Scientiarum. Human and Social Sciences. Maringá, v. 32 , n.1 p. 91-96, 2010.

DEMO, Pedro. **Desafios Modernos da educação** – 16. Ed. – Petrópolis, RJ : Vozes, 2010. 284p.

_____. **Metodologia do conhecimento científico** – 1. ed. – 6. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2009. 216p.

Educação e Cultura midiática / Organizado por Maria Olivia de Matos Oliveira ; Lucila Pesce. – Salvador : EDUNEB, 2012. 218p. v.1.

FAZENDA, Ivani. **Metodologias da Pesquisa Educacional** / Ivani Fazenda (org.) – 11. ed. – São Paulo, Cortez, 2008. 174p.

Fundamentos sócio-filosóficos da educação / Cecília Telma Alves Pontes de Queiroz, Filomena Maria Gonçalves da Silva Cordeiro Moita. – Campina Grande; Natal : UEPB/UFRN, 2007.

GADOTTI, Moacir – **Boniteza de um sonho: ensinar e aprender com sentido** / Moacir Gadotti . – Novo Hamburgo : Feevale, 2003. 80p.

_____. **Concepção Dialética da Educação** – 9. Ed. – São Paulo : Cortez, 1995.
Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org> Acesso em: 30/05/14 às 21:12h

_____. **Perspectivas atuais da educação** – Porto Alegre : Artes Médicas Sul, 2000
Disponível em: <http://www.acervo.paulofreire.org> Acesso em: 30/05/14 às 21:13h

FREIRE, Paulo – **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo, Paz e Terra, 1997.

Geografia em perspectiva: ensino e pesquisa / Organizadores Nídia Nacib Pontuschka, Ariovaldo Umbelino de Oliveira. 2. Ed. – São Paulo: Contexto, 2004.

Gestão educacional e tecnologia / organizadores; Alexandre Thomaz Vieira, Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, Myrtes Alonso. – São Paulo: Avercamp. 2003.

HAYDT, Regina Célia Cazaux – **Curso de didática geral** – 8. ed. – São Paulo : Ática, 2006. 327p.

HENGEMÜHLE, Adelar - **Gestão de ensino e práticas pedagógicas** – Petrópolis, RJ : Vozes, 2004. 245p.

KAERCHER, Nestor André – **O gato comeu a Geografia Crítica? Alguns obstáculos a superar no ensino-aprendizagem de geografia** – In Pontuschka, N.N. e OLIVEIRA, A.U. Geografia em Perspectiva.

KIMURA, Shoko – **Geografia no ensino básico: questões e propostas** – São Paulo: Contexto, 2008.

KLEIN, Luciana. OLIVEIRA, André Júnior de. ALMEIDA, Lauro Brito de. SCHERER, Luciano Márcio - **Recursos Multimídia no Processo de Ensino-Aprendizagem: Mocinho ou Vilão?** – IV Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade (EnEPQ 2013), Brasília/DF – 3 a 5 de novembro de 2013.

LEÃO, Denise Maria Maciel – **Paradigmas Contemporâneos de Educação: Escola tradicional e escola construtivista** – cadernos de pesquisa, nº 107, p. 187-206, julho / 1999.

LIBÂNEO, José Carlos. **Adeus professor, adeus professora? : novas exigências educacionais e profissão docente** – 5. ed. – São Paulo : Cortez, 2001. 104p.

MARTINS, Ernesto Candéias – **Ideias e Tendências Educativas no Cenário Escolar. Onde estamos, para onde vamos?** – Revista Lusófona de Educação, 2006, 7, 71-90.

MENDONÇA, Francisco. **Geografia Física, Ciência Humana**. São Paulo: Contexto, 1998 (coleção repensando a geografia). 71 p.

MERCADO, Luiz Paulo Leopoldo. **Formação continuada de professores e novas tecnologias** – Maceió: EDUFAL, 1999. 176p.

MORETTO, Vasco Pedro. **Construtivismo: a produção do conhecimento em aula**- 4. edição. – Rio de Janeiro: DP&A, 2003. 128p.

PASSINI, Elza Yasuko - **Práticas de ensino de geografia e estágio supervisionado**. In: Romão Passini, Sandra T. Malysz, (organizadores). -2. ed. – São Paulo: Contexto, 2010. - 224p.

PERRENOUD, Philippe. **Dez novas competências para ensinar**. Porto Alegre: Artmed, 2000.

Pesquisa TIC Educação 2013 - Pesquisa sobre o uso das tecnologias de informação e comunicação nas escolas brasileiras. São Paulo, 15 de julho de 2014.
Disponível em: <http://www.cetic.br> Acessado em: 08/05/14 às 17:05h

PESSOA, Rodrigo Bezerra – **Um olhar sobre a trajetória da geografia escolar no Brasil e a visão dos alunos de ensino médio sobre a geografia atual**. – João Pessoa, 2007.

PICONEZ, Stela C. Bertholo – **Educação escolar de jovens e adultos** - Campinas, São Paulo: Papirus, 2002. – (coleção Papirus Educação)

PINA, Paula Priscila Gomes do Nascimento. **A relação entre ensino e o uso do livro didático de Geografia** – João Pessoa, 2009. 104f. (Dissertação de Mestrado)
Disponível em: http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/dissertacoes/paula_priscila.pdf
Acessado em 20/10/14 às 20:32h

PONTUSCHKA, Nídia Nacib – **Para ensinar e aprender geografia** / Tomoko Iyda Paganelli, Núria Hanglei Cacete. – São Paulo: Cortez, 2009. 383p.

RIBEIRO, Antonia – **Tecnologias na sala de aula: uma experiência em escolas públicas de ensino médio** / Antonia Ribeiro, Jane Margareth de Castro e Marilza Machado Gomes Regattiere. – Brasília : UNESCO, MEC, 2007.

RICARTE, Daniel de Brito. CARVALHO, Ana Beatriz Gomes de. **As novas tecnologias da informação e comunicação na perspectiva do ensino de geografia**. In: **Tecnologias digitais na educação** / Robson Pequeno de Souza, Filomena da M. C. da S. C. Moita, Ana Beatriz Gomes Carvalho (organizadores). – Campina Grande : EDUEPB, 2011. 276.

RODRIGUES, William Costa – **Metodologia Científica**- Paracambi, FAETEC/IST, 2007.
Tecnologias na formação e na gestão escolar / organizadoras Maria Elizabeth Bianconcini de Almeida, Myrtes Alonso; autores, Adriana Aparecida de Lima Terçariol ...[et al.]. – São Paulo : Avercamp, 2007.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. - 4. Ed. 4. Reimpr. - São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SAMPAIO, Joana Jakeline Alcântara. ALBUQUERQUE, Maria Adailza Martins – **O livro didático de geografia e a construção do saber escolar**.

Disponível em: <http://www.geociencias.ufpb.br/posgrad/serne/artigo29.pdf>
Acessado em: 20/10/14 às 20:48h

SILVA, Bruna Menegon da. **GEOGRAFIA E MULTIMÍDIA**- CAPIVARI-SP: CNEC,2011. 33p.

SOARES, Miguel Inez - **A tecnologia Web e o ensino da geografia: ser professor com mediação digital**- Universidade de Lisboa – Instituto de geografia e Ordenamento do Território, 2013. (tese de doutorado).

TAFFAREL, Celi Nelza Zülke – **Marxismo e Educação : Contribuição ao debate sobre a teoria educacional e a transição** – Revista HISTEDBR on line , Campinas, número especial,p. 257-270, abr 2011 – ISSN : 1676-2584.

TRIVIÑOS, Augusto Nivaldo Silva. **Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação** – 1.ed. – 17. Reimpr. – São Paulo: Atlas, 2008. 175p.

ANEXOS

Questionário aplicado com os alunos das seguintes turmas: 8º ano A, 9ºano B (ensino fundamental), 1º ano C e 3º ano B (ensino médio).

1. Quais recursos geotecnológicos que o professor de geografia utiliza em sala? Ou nunca ouviram a palavra geotecnologia?

Recursos	Frequentemente	Raramente	Nunca foi utilizado	Outros
Google Maps				
GPS				
Google Earth				

2. Quais os recursos mais utilizados nas aulas de geografia pelo professor?

Datashow () Quadro branco e caneta () Aparelho de DVD e TV()
 Livro didático () bússola () Mapas ()
 celular () computador ()

3. O laboratório de informática é utilizado com frequência no horário de aula ou para pesquisa extraclasse? Caso a resposta seja sim, o professor acompanha-os e orienta quanto ao uso deste recurso?

Sim() não ()

4. Dentre as disciplinas que vocês julgam ser as mais importantes adquirir conhecimento para o dia a dia a geografia esta inclusa? Sim () não ()

5. É permitido o uso do celular em sala?

6. Quais as utilidades que vocês vêem nesta ferramenta (o celular) para auxiliar o professor nas aulas de geografia?

7. O que vocês acham das aulas de geografia?

8. Por que estudar geografia?

Questionário aplicado com os professores de geografia da Instituição de ensino E. E. Profº J. Torres

Professores:

1. Tiveram curso de capacitação digital? Qual?
2. Com que frequência utiliza recursos tecnológicos em sala, nas aulas de geografia?

Sempre() raramente () nunca ()

Caso a resposta seja, sim, quais os recursos utilizados? E por quê?

Se nunca os utiliza, qual o motivo?

3. Quais os aparatos tecnológicos que a escola dispõe que podem ser utilizados para dinamizar e tornar as aulas de geografia mais atrativas e produtivas?
4. Você acredita que o uso do celular em sala (pelos alunos) com finalidades pedagógicas pode auxiliar o professor de geografia no processo ensino/ aprendizagem? Por quê? Já que o mesmo é utilizado com frequência para acessar as redes sociais, e às vezes até no momento da aula.

Sim () Não ()

5. Os alunos são levados ao laboratório de informática para realizarem pesquisa? Por quê?
6. As novas tecnologias da informação e comunicação fazem parte da realidade não só dos educandos, mas da sociedade no geral. Você acredita que estas ferramentas tendem a auxiliá-lo no processo ensino/aprendizagem, por fazerem parte do cotidiano dos alunos e por estas tornarem as aulas de geografia mais atrativas?
7. Você introduz ao processo de aprendizagem as geotecnologias?Quais? Nos dias atuais vários autores alertam para a importância das geotecnologias no auxílio do processo de aprendizagem do espaço geográfico.